



## O playlist de agradecimentos:

1. Tina Turner — *The Best* (para Jennifer Rudolph Walsh, Lisa Grubka e Katie Glick)
2. Ray Charles — *You Are My Sunshine* (para Alicia Gordon e Bari Zibrak)
3. Lucinda Williams — *2 Kool 2 B 4-Gotten* (para Lorene Scafaria)
4. Belle & Sebastian — *Wrapped Up in Books* (para Jack Martin)
5. Prince — *Nothing Compares 2 U* (para Joe Monti)
6. Elvis Costello — *Alison* (para Allison Wortche)
7. The Cure — *Pictures of You* (para Melissa Nelson e Isabel Warren-Lynch)
8. Louis Armstrong — *A Kiss to Build a Dream On* (para todas as pessoas legais da Knopf)
9. The Beatles — *Paperback Writer* (para nossos queridos amigos)
10. Julie Andrews — *The Sound of Music* (para nossas queridas famílias)
11. Rufus e Chaka Khan — *You got the Love* (para Stephanie e Al)
12. Kylie Minogue — *Can't Get You Out of My Head* (para Billy e Nicolicious)
13. Jens Lekman — *You Are the night (By Which I Travel into This and That)* (para Nick)
14. Kelly Clarkson — *Miss Independent* (para Anna)
15. I and not U — *Wonderful People* (para Martha)
16. The Magnetic Fields — *How Fucking Romantic* (para Nancy)





## 1. NICK

O dia começa no meio da noite. Não presto atenção em nada, só no contrabaixo em minha mão, o barulho em meus ouvidos. Enquanto Dev grita e Thom se contorce descontroladamente, eu sou o mecanismo do relógio. Sou eu que pego essa coisa chamada música e a alinho com a coisa chamada tempo. Eu sou a marcação, sou a pulsação, eu estou por trás de cada parte deste momento. Não temos baterista. Dev tirou a camisa, Thom está exagerando no feedback, e eu estou por trás deles, eu sou o gerador. Estou ouvindo e não escuto porque o que toco não é algo sobre o qual eu raciocino, mas algo que me toma por inteiro. Todos os olhares estão em nós. Ou pelo menos é o que posso imaginar durante a minha cegueira no palco. O espaço é pequeno, fazemos um barulhão, e eu sou o baixista não-gay numa queercore band\* que enche a sala de murmúrios enquanto Dev canta aos berros, O

---

\*N. do E.: queercore band é um subgênero do punk rock, que surgiu no final dos anos 1980. O diferencial desse movimento é a exploração da temática gay em suas letras.



*Homem que se foda/O Homem que se foda/Eu quero de verdade/O Homem que se foda.* Estou pontuando, eu perfuro e soco o ar com meu corpo enquanto meus dedos pressionam firmemente as cordas. Suor, rancor e desejo se derramam de mim. Isto é libertação, ou talvez seja apenas um pedido de libertação. Dev agora geme, Thom está a toda e eu estou viajando legal, embora meus pés não se mexam. Olho a luz e vejo pessoas se sacudindo, pulando e assistindo ao Dev levar o microfone à boca e continuar gritando a letra. Atiro as cordas para eles, eu os encharco de ondas sonoras, marco o tempo tão alto que eles têm de ouvir. Sou mais forte do que as palavras e sou maior do que a caixa em que me encontro, e então a vejo na multidão e me desintegro.

Merda, eu disse a ela para não vir. Enquanto ela estava ocupada me desfazendo em pedaços, esse era o único fragmento meu que implorei a ela que deixasse. *Por favor, não vá aos shows. Não quero ver você lá.* E ela disse sim, e na hora não foi mentira. Mas em algum momento passou a ser. E eu me vejo sem o menor controle emocional, tudo em minha volta vai do grito ao choro — tudo isso no tempo que levo para ver o formato de seus lábios. E depois eu vejo — ah, caralho, não — que ela não está sozinha, que está com um cara; embora ela vá dizer que veio me ver, não tenho dúvida nenhuma de que ela veio para que eu a visse. *Acabou,* disse ela, e isso não soou como a maior mentira do mundo? Estou cambaleando nas notas, Dev chegou ao verso seguinte e Thom toca um pouco mais rápido do que deveria, então tenho que correr atrás do prejuízo enquanto ela se inclina para o cara e balança a cabeça como se eu estivesse fazendo esta música para



ela, quando, na verdade, se eu pudesse, pararia com tudo e dedicaria a ela um silêncio equivalente à dor que ela me deu.

Procuro acompanhar Dev e Thom. Esta noite nos chamamos The Fuck Offs, mas é um nome novo e não deve durar nem três apresentações; afinal, até lá, Dev pode inventar outro. Já fomos Porn Yesterday, The Black Handkerchiefs, The Vengeful Hairdressers e None of Your Business. Não faço uso de meu voto, a não ser para vetar as idéias mais imbecis de Dev (“Cara”, tive de dizer a ele, “ninguém quer ver uma banda chamada *Dickache*”). Dev quer drogar o drogado, tatuar o tatuado e tem um jeito todo especial com aqueles punks perturbados que vêm aos nossos shows sem imaginar que vão acabar querendo se atracar com o cara que desafia a platéia, *De que tamanho é o seu cocker spaniel?*. Dev é de uma cidade em Jersey chamada Lodi, e isso faz todo sentido para mim, uma vez que ele não passa de um ídolo às avessas. Thom é de South Orange e só tem um “h” no nome há dois meses. Eu sou de Hoboken, o mais perto de Nova York que se pode chegar sem que você realmente esteja em Nova York. Em noites como esta, com a oportunidade de tocar diante de mais gente do que nossos amigos, eu atravessaria o Hudson a nado só para chegar a este clube, que mais parece uma caverna. Pelo menos até Tris aparecer e eu perceber que estou sangrando no palco de maneira invisível.

*Tomem o poder/O Homem que se foda/Tomem o poder/e que se foda o Homem.* Dev está levando a música a um lugar que não fora antes: um intervalo de quarta. Agora fiz uma pausa, esperando pelo fecho. Thom parece estar à beira de um solo, que nunca é um lugar muito seguro para ele. Eu





mexo os pés, desvio-me dela, procuro fingir que ela não está presente, o que é uma piada tão escrota que nunca me fez rir. Tento atrair a atenção tão periférica de Dev, mas ele está ocupado demais enxugando o suor do peito para perceber. Por fim, porém, ele consegue uma explosão de energia com força suficiente para dar vazão àquilo tudo. Então ele estende os braços e uiva, e eu paro tudo com uma última guinada. A multidão nos dá uma explosão de seu próprio barulho. Procuro ouvir a voz dela, tento distinguir aquele tom único entre gritos e aplausos. Mas ela está tão distante quanto estava na noite em que chorei e ela nem se virou para ver se eu estava bem. Três semanas, dois dias e 23 horas atrás. E ela já está com outro.

A banda seguinte está na lateral do palco. O dono do clube gesticula que nosso tempo acabou. Mas eu não estou tão na urgência de fugir daqui a ponto de não me sentir recompensado pelos pedidos de bis, por aqueles gritinhos de decepção quando as luzes se acendem e revelam à multidão o caminho do bar. Eu sou o roadie que se fode neste espetáculo. Então, enquanto Dev pula na multidão e encontra seu admirador mais apaixonado, e Thom sai de fininho para encontrar seu amigo emo-sensível, eu tenho de imediatamente me recompor para poder guardar nosso equipamento. Vou dos acordes às cordas, da introspecção à ralação. Um dos caras da banda seguinte é gente boa e me ajuda a pegar as caixas que estão lá no fundo do palco. Mas eu sou o único que pode tocar nos instrumentos, colocá-los com cuidado para dormir à noite. Depois me ofereço para ajudar a nova banda a se preparar e fico feliz quando eles aceitam; assim eu posso



conectá-los ao painel de som em vez de consumir toda minha energia resistindo a ela.

Meus olhos ainda estão acostumados a procurar por ela numa multidão. Minha respiração ainda está acostumada a parar quando a luz está no ângulo certo e eu a vejo. Meu corpo ainda está acostumado ao dela se movendo ao lado do meu. Então, a distância — qualquer falta de contato — é uma rejeição constante. Ficamos juntos por seis meses, e em cada um desses meses meu desejo encontrou novas maneiras de ser incitado por ela. *Acabou*, e isso não pode ser o fim. Todas as canções que compus em minha mente foram para ela e agora não consigo evitar que elas toquem. Essa trilha sonora de história nenhuma. *Estou cansada*, ela disse, e eu disse a ela que estava cansado também, que queria tirar algum tempo para nós. E depois ela disse, *Não, estou cansada de você*, e eu resvalei num universo paralelo, porém verdadeiro — uma dimensão onde o término chega antes do fim. Ela não estava mais em nenhum *lugar* que eu pudesse alcançar.

Fico de costas para o público enquanto guardo o equipamento e os instrumentos em um lugar seguro. Logo chegou o momento em que não dava mais para ficar de costas, afinal, é bem limitado o tempo em que se pode ficar encarando uma parede sem se sentir um idiota. Então sou salvo pela banda seguinte, que coloca o volume ainda mais alto e logo instaura em todos nós um lindo caos. Eles se chamam Are You Randy? e o vocalista está realmente cantando, não aos berros bancando os Ramones. Atrevo-me a olhar a platéia e não a vejo mais. Não vejo muitas *elas* na verdade — é um mar de *eles* se espremendo e se esbarrando uns nos outros quando o voca-



lista lhes fala do estado das coisas, avaliando o público com músicas como *I Want You to Want Me*, *Blue Moon* e *All Apologies* enquanto faz sua própria dança dos sete véus.

Acho que Tris vai gostar dessa banda, e saber isso me apunhala de novo, porque agora tudo o que sei de que ela gosta é completamente inútil. Pergunto-me quem é o cara. Pergunto-me se eles se conheciam três semanas e três dias atrás. Fico feliz por não tê-lo visto direito, porque eu acabaria pensando nos dois juntos sem roupa. Agora penso só nela nua, e é uma lembrança tão nítida que meus dedos chegam a se mover para tocá-la. Viro a cabeça, como se realmente a estivesse vendo, e vejo Thom e o namorado Scot se agarrando ao som da música, daquele jeito que só se faz nos cantinhos. Dev, imagino, ainda está no bar, ainda se exibindo. Somos menores de idade, mas isso não tem importância por aqui. A maior parte do público é mais velha do que nós — universitários ou com idade para estar na universidade — e tenho consciência de que realmente não me encaixo aqui. Alguns caras mais velhos da platéia me encaram, e até me cumprimentam com o olhar. Afinal, não é como se eu usasse uma placa escrito HETERO, ou algo parecido. Às vezes retribuo o gesto, quando acho que é um reconhecimento pela música, e não um convite. Mas sempre vou em frente, nunca paro.

Encontro Dev no bar, falando com um cara da nossa idade que parece familiar àquele modo de ser e de vestir. Quando chego até eles, sou apresentado como “o deus do baixo, Nick”, e ele é apresentado como o “Hunter do Hunter”. Dev me agradece por mais uma vez ter desmontado todo o palco sozinho e, pelo modo como a conversa não continua a partir





daí, entendo que estou interrompendo. Se fosse Thom, minha agitação provavelmente teria sido percebida. Mas Dev precisa que a gente decifre as emoções para ele, e agora não estou com humor algum para isso. Então só digo onde deixei as coisas e finjo que vou procurar um lugar vago no bar de onde consiga chamar o barman. E uma vez que estou fingindo que a verdade é essa, imagino que poderia realmente ser verdade. Ainda não consegui ver Tris, e há uma pequena parte de mim que se questiona se ela estava mesmo no meio da platéia. Talvez fosse uma garota parecida com a Tris, o que explicaria o cara que não se parecia com ninguém.

A Are you Randy? pára de tocar seus instrumentos um por um, até que o vocalista solta uma última nota *a capella*. Para o bem deles, eu gostaria de poder dizer que o clube se comoveu com isso, mas, na verdade, o ambiente estava era cheio de conversas. Ainda assim, foi algo melhor do que a média, e a banda consegue uma rodada de aplausos e gritos. Eu também aplaudo e percebo que a garota do meu lado usa os dois dedos na boca para assoviar como antigamente. O som é claro e vivo, me faz pensar em quando eu jogava beisebol na Liga Infantil. A garota veste uma camisa de flanela, e não sei dizer se é porque ela quer resgatar o único estilo de roupa dos últimos cinquenta anos que *não* foi resgatado ou se é porque a camisa é tão confortável como parece. Ela tem a pele muito branca e um corte de cabelo que diz *escola particular*, embora tenha desgrenhado tudo para esconder isso. A banda seguinte abria o show do Le Tigre na última turnê, e eu imagino que essa garota esteja aqui por causa deles. Se eu fosse um cara diferente, podia tentar puxar uma conversa sim-



pática, só para sermos, sei lá, amigos. Mas sinto que se eu falar com alguém agora, tudo o que vou conseguir fazer vai ser desabafar.

Thom e Scot estariam prontos para ir se eu quisesse, mas tenho certeza de que Dev ainda não sabe se vai voltar com a gente ou não, e eu seria um babaca de criar dificuldades pro cara perguntando isso. Então estou ferrado e sei disso, e é aí que olho à direita e vejo Tris e o cara novo se aproximando do balcão cheio de cerveja derramada para pedir outra rodada do que eu não estou bebendo. Definitivamente é ela e, definitivamente, estou fodido. Afinal, estamos no intervalo entre as bandas e tem muita gente me empurrando e, se eu tentar ir embora, vou ter que abrir caminho à força, e se eu tiver de abrir caminho à força, ela vai me ver tentando escapar e terá certeza de que eu não agüentei e, embora esta seja a verdade, não quero que ela tenha prova alguma disso. Ela está arrasando, eu me sinto arrasado, e o cara com quem ela está segura seu braço de um jeito que um amigo gay jamais faria, nem pensar — e isso funciona como uma prova. Eu sou o modelo antigo e este é o modelo novo, e eu poderia ficar ali durante um ano caprichando no som do meu contrabaixo e nada, absolutamente nada, iria mudar.

Ela me vê. Não consegue fingir surpresa ao me ver, porque é evidente que eu estaria aqui. Então ela abre um sorrisinho e cochicha alguma coisa para o modelo novo, e eu sei, pela expressão dela, que depois que pegarem as bebidas que agora são servidas, eles vão se aproximar e dizer *Oi* e *Bom show* e — poderia ser tão idiota e cruel? — *Como você está?*





E não suporto essa idéia. Vejo que tudo está se desenrolando e sei que preciso fazer alguma coisa — qualquer coisa — para impedir.

Então eu, este baixista qualquer de uma banda de queercore mediana, viro-me para a garota de blusa de flanela que nem conheço e digo:

— Sei que isso vai parecer meio estranho, mas poderia ser minha namorada pelos próximos cinco minutos?







## 2. NORAH

Randy, da Are You Randy?, insiste que o baixista da banda de queercore é homo, mas eu digo a ele “Não, o cara é hetero”. Não faço idéia se ele é ou não responsável pelas letras de sua banda de merda. (*O Homem que se foda/O Homem que se foda* — mas que porcaria banal é essa?). Mas ele não é homo. Pode acreditar. Há certas coisas que uma garota simplesmente sabe, por exemplo, que um intervalo de quarta numa música punk é uma péssima idéia, ou que de jeito nenhum um baixista de Nova Jersey com cabelo de Astor Place, vestido de calça preta toda rasgada e manchada de água sanitária, que usa uma camiseta preta desbotada *Quando eu disser Jesus, você diz Cristo*, escrito em laranja, se pega com meninos; ele se esforça demais na pinta Johnny Cash, e ele é punk e irônico demais para ser homo. Talvez ele seja um *emo*, eu disse ao Randy, mas só porque ele não parece uma relíquia do Whitesnake como todos da sua banda, não quer dizer automaticamente que ele seja gay.



O fato incidental de ele ser hetero não quer dizer que eu queira ser a namorada de cinco minutos de um não-homo, como se eu fosse um lanche rápido na loja de conveniência, um serviço prestado à sua galinagem. Só porque eu sou a única mané aqui que não perdeu os sentidos de tanta cerveja, drogas ou hormônios, eu tenho o senso de refrear meu instinto original — gritar para ele “NÃO, PORRA!” em resposta à pergunta do Não-Homo.

Tenho que pensar em Caroline. Eu sempre tenho que pensar em Caroline.

Percebi que o Não-Homo estava guardando o equipamento da banda sozinho, enquanto os colegas o abandonaram para curtir a noite. Entendo essa cena. Aliás, me identifico com isso de arrumar a bagunça de todo mundo.

O Não-Homo se veste tão mal — ele tem de ser de Nova Jersey. E se o Cara de Jersey é o roadie da vez, ele tem um furgão. O furgão deve ser uma lata-velha com um carburador vazando e que ainda pode estourar um pneu ou ficar sem gasolina no meio do túnel Lincoln, mas é um risco que tenho de assumir. Alguém tem que levar Caroline em casa. Ela está bêbada demais para se arriscar a pegar o ônibus. Está tão bêbada que iria para casa de ônibus com Randy, se eu não estivesse aqui para levá-la para minha casa, onde ela pode dormir tranqüilamente. Tiete maldita. Se não a amasse tanto, eu a mataria.

Ela tem sorte por meus pais gostarem dela tanto quanto eu; o pai e a madrasta dela estão passando o fim de semana fora, não dão a mínima para o que ela faz, desde que ela não engravide nem namore nenhum cara de uma família com



renda inferior a seis dígitos. Babacas. Já meus pais adoram a Caroline, a linda Caroline e o seu cabelo caramelo comprido, seus lábios enormes de sabor cereja e sua passagem pela prisão por delinqüência juvenil. Eles não vão ligar se ela cambaleiar do meu quarto até a cozinha amanhã à tarde, toda desgrenhada e de ressaca. É ela, e não eu, que atende às expectativas deles sobre o que deve ser a filha do diretor de uma gravadora multinacional que mora em Englewood Cliffs: *doida*.

Caroline não é uma Grande Decepção como a filha sem-graça, que usa camisa de flanela, cabelo picotado cortesia-de-um-salão-de-300-dólares-a-visita-com-mamãe-(Bergdorf's)-e-uma-lata-de-5-dólares-de-spray-de-tintura-azul (Ricky's). Eu sou careta, responsável e também a melhor aluna da turma. Decidi passar um ano num *kibutz* na África do Sul em vez de entrar para a Brown. *POR QUE, Norah, POR QUÊ?* Meu ensaio para a admissão à Brown era todo sobre a forma como meu pai se apropriou de uma música do The Street e depois arruinou para lucrar com The Man. *Eu não sou mesmo um hippie corporativo de merda*, disse papai, rindo, depois de ler meu texto. Meu pai não nega que é responsável por emplacar nas mais pedidas do rádio uma porcentagem absurda de seus hits insuportáveis, mas ele tem orgulho de ter me doutrinado em todo tipo de música desde a infância e assim, agora, aos 18 anos de idade, eu posso arrasar como DJ quando quero, mas também assumo que sou uma esnobe insuportável quando o assunto é música. Meus pais também me fizeram a desgraça de serem felizes no casamento por um quarto de século, o que sem dúvida condena minhas perspectivas de chegar a viver o amor verdadeiro. Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.



Meus pais me deserhariam se soubessem que eu estava neste clube hoje à noite. É patético, mas, eu poderia estar comprando uma erva no Tompkins Square Park agora mesmo, a caminho de um bar sadomasô na Avenue D, e meus pais simplesmente aplaudiriam. Mas, aqui, neste clube, este é o único lugar em toda Manhattan a que eu supostamente seria proibida de ir, devido a uma antiga confusão envolvendo um contrato ruim que meu pai fechou com Crazy Lou, o dono deste clube (que antigamente era meu padrinho, o *tio* Lou, até que toda a situação levou Lou a ser rebatizado de *Crazy*). Ele é um punk das antigas, da época em que os Ramones eram primeiro umas putas junkies e, só então, músicos. É do tempo que o movimento punk significava algo além de um conceito de marketing de massa projetado para ajudar a galera além-ponte e além-túnel a se sentir descolada.

Mas minha mãe e meu pai me deserhariam mais rápido ainda, e até me matariam, se pensassem que eu não estava cuidando de sua amada Caroline. Ela inspira esse tipo de devoção nas pessoas. É um nojo, só que eu também caio totalmente no feitiço de Caroline, sou sua babá desde o maternal.

Dou uma olhada no clube enquanto aquela massa de gente que circula no intervalo dos shows passa como um enxame através de mim como se eu fosse um fantasma, com a inconveniência de um corpo maleável atrapalhando o caminho até a cerveja. Que droga, perdi Caroline de novo. Ela está a fim de ficar com o Randy esta noite, o que é legal — a *Are You Randy?* não é uma merda completa —, mas o próprio Randy está alucinado de ecstasy; eu preciso ter certeza de que ele não vai ficar sozinho com ela num canto. Mas eu só tenho



1,60m na ponta dos pés, e o Não-Homo de 1,80m está parado na minha frente, bloqueando minha visão, esperando para saber se eu quero ser sua namorada por cinco minutos e parecendo aquele bicho perdido dos livros infantis que fica perguntando, “Você é minha mãe?”

Olho por trás dele e não vejo Caroline, mas vejo aquela piranha idiota, a Tris, que, não à toa, rima com meretriz, afinal é exatamente como uma profissional que ela age com os homens, ela os devora por dentro. Ela está fazendo seu andar de Tris, com os peitos grandes empinados, rebolando a bunda de um jeito que chama a atenção de todo homem idiota que passa por ela, até os gays, que parecem estar bem representados aqui hoje, apesar do Não-Homo. Ela está vindo na minha direção. Não não NÃÃÃÃÃOOOO. Como foi que ela descobriu Caroline e eu aqui? Ela tem olheiros com GPS em cada canto aonde Caroline e eu vamos numa noite de sábado, ou o quê?

Namorado, aqui vou eu! Respondo à pergunta do Não-Homo colocando a mão em seu pescoço e puxando sua cara para a minha. Meu Deus, eu faria qualquer coisa para evitar que Tris me reconhecesse e tentasse falar comigo.

PORRA! Eu não esperava que o Não-Homo beijasse tão bem. Babaca. Está vendo isso, Randy? — Ele não é HOMO. Confirmado. Mas não estou procurando química nenhuma, só uma carona pra casa para minha amiga. Também não estou procurando língua nenhuma, mas o Não-Homo não perde tempo e logo desliza a dele na minha. Minha boca se revolta contra minha vontade, *Humum, está bom isso aqui, né?, agora agüenta, garota, agüeeenta!*



Por melhor que seja o gosto dele, esta namorada de cinco minutos ainda precisa de alguns segundos para tomar ar. Separo minha boca da dele, na esperança de recuperar o fôlego e pegar Tris se afastando de nós sem ter notado a minha presença.

Uau. Apesar de toda a confusão, sinto um frio na barriga. Vamos esquecer minha necessidade de oxigênio. Minha boca quer voltar para o lugar de onde veio.

Infelizmente, Tris está parada diante de nós, pendurada em sua última vítima babona, que agora está perto o bastante para eu conseguir identificá-lo como um dos recentes rejeitados de Caroline; ele é amigo do Hunter, cuja banda, a Hunter Does Hunter, vai tocar daqui a pouco (de nada, Hunter, por apresentá-lo ao Lou). Tris passa o braço firmemente na cintura do cara, talvez espremendo o que resta da vida que essa maldita sugadora de almas ainda não tirou dele nas três semanas desde que Caroline lhe deu um chute na bunda.

Tris diz:

— Nick? Norah? Como assim? De onde vocês se conhecem?

Essa piranha não devia estar num lugar como este. Como se o seu jeito de falar já não fosse o suficiente, também tem a questão de sua roupa de loja vagabunda: saia de couro preta e curta com fivelas na lateral, camiseta “vintage” dos Ramones, daquelas produzidas em massa, e legging amarelo-mijo com um par horrível de sapatos de couro rosa. Ela parece uma abelha de néon numa fraude de Debbie Harry.

Vou precisar ter outra conversa com o tio Lou sobre os padrões *vis-à-vis* de possuir e administrar um clube. O cara



pode até saber desencavar muito talento novo — do tipo cru e faminto que está pronto para sangrar as tripas ou outras partes úteis do corpo no palco do Crazy Lou em troca da oportunidade de se apresentar ali —, mas não sabe merda nenhuma de como administrar o negócio. Olha só a ralé menor de idade de Jersey que deixam entrar aqui! Ele provavelmente até dá cervejas para os integrantes da banda! LOU! Por que acha que tantos desses babacas são alcoólatras e junkies? Eles conseguiram a música certa. Podem tocar música punk com convicção — dura, rápida, irada — mas ainda não se tocaram de que agora o verdadeiro punk acredita na caretece: nada de álcool, nem drogas, nem cigarros, nada de roubos. Agora o verdadeiro punk é só o punk que restou de toda a loucura: a música, a mensagem.

Bom, minha gente, continuem brindando a isso, porque quando eu voltar da África do Sul no ano que vem e assumir a gerência desse clube como o tio Lou me prometeu, em vez de me candidatar novamente à Brown, como eu combinei com meus pais, vai ter um novo xerife aqui no Lower East Side, meus amigos. Aproveitem sua diversão devassa e suja agora, porque o tempo está se esgotando para vocês.

Mas a futura proibição das ficadas eu posso reconsiderar. Afinal, a parte da pegação é legal, tem possibilidades, com o par certo de lábios.

Não sei por quê, mas eu faço esse negócio que Caroline faz com suas vítimas masculinas: em vez de pegar a mão do Não-Homo, eu coloco minha mão em seu pescoço e arranho sua nuca suavemente, possessiva, enquanto Tris fica olhando. Com os meus dedos, posso varrer seu corte de cabelo



picotado bem na parte de trás e sentir os arrepios que sobem pela sua nuca. Gosto disso. Sinto uma satisfação em ver o lábio inferior de Tris quase despencar do queixo, tamanho o choque. Essa é a Tris: nunca é discreta.

O que quer que eu esteja fazendo, funciona. Ela de repente se afasta, sem falar nada. Ufa. Essa foi mais fácil do que eu esperava.

Olho o relógio. Acredito que meu novo namorado e eu ficamos 2 minutos e 45 segundos sem nos separarmos. Fecho os olhos e viro de leve a cabeça, preparando-me para outra visita dos lábios dele.

Caroline diz que eu sou frígida. Às vezes acho que ela está me sacaneando, repetindo a fala preferida de meu Ex do Mal, então eu esclareço: *Você quer dizer que eu não sou fácil?* Ela esclarece: *Não, sua cretina, quero dizer que você intimida os caras com um olhar ou um comentário antes que eles possam decidir se querem ter uma chance com você. Além de ser frígida, você é muito crítica.*

O Não-Homo deve achar o mesmo de mim, porque não volta para outro contato boca-a-boca. Ele diz:

— Como assim, você conhece a Tris?

E então eu me lembro. A Tris o chamava de NICK. Nããããã. É *ele!* NICK! O cara de Hoboken! O cara que compôs todas as músicas e poemas sobre ela, o melhor namorado que nós, as outras meninas do Sagrado Coração, nunca tivemos, o carinho da banda que Tris namorou depois de conhecê-lo no TREM no início do ano letivo, e desde então vem mentindo para ele e o traindo. Será que NICK não acha estranho que ele a tenha namorado por tanto tem-



po e nunca tenha conhecido nenhuma das meninas da escola dela? IDIOTA!

Mas é claro que Tris não o apresentaria a nós. Sua preocupação não era que a gente deixasse escapar suas perversões para Nick — ela tinha medo era de que ele se apaixonasse por Caroline. Tris pode ficar com os rejeitados de Caroline, mas jamais ofereceu um dos dela. Tris é tão *Mulher Solteira Procura*, que costumamos brincar que Caroline devia conseguir um mandado de restrição contra ela, só que Tris nos diverte tanto que não é possível deixá-la completamente excluída. É uma história de amor e ódio que temos com ela. Não nos sentimos culpadas, ainda temos um mês de aulas e nem imagino se a veremos novamente depois de nossas dedicatórias sentimentalóides de último dia de aula na escola, “Tenha um ótimo verão, boa sorte na faculdade”. E, do ponto de vista do carma, eu já paguei minha dívida de menina má com a Tris muitas vezes. Se ela passar em química e cálculo este ano, será graças a mim. Que merda, se ela se formar, será graças a mim.

Não me dou ao trabalho de responder à pergunta de Nick sobre como eu conheço Tris. Preciso encontrar Caroline.

Fico de pé na bancada do bar. É a única maneira de localizá-la no meio de toda essa gente, essa música alta, esse fedor de suor, essa energia incitada pela cerveja neste dia interminável que parece que está apenas começando no meio da noite. Apóio a mão na cabeça de Nick para me equilibrar enquanto passo os olhos pela multidão e minha mão não consegue deixar de revirar o cabelo zoneado dele, só um pouquinho.



Lá está ela! Vejo Caroline sendo esmagada por Randy na mesa do canto, perto da parede de tijolinhos, ao lado do palco, à direita de onde está Hunter do Hunter Does Hunter, que agora está pegando o microfone. Não sei que música a banda dele preparou, mas a letra das músicas de Hunter são claramente compostas na hora e não têm nada a ver com os acordes furiosos e acelerados da guitarra: *Dev, vai pra casa comigo, Dev Dev Dev, quero trepar com esse homem.*

Eu pulo do alto da bancada e disparo até Caroline, mas a mão de Nick agarra meu pulso por trás, puxando-me de volta para ele.

— É sério — diz Nick —, como é que você conhece a Tris?

Seus dedos beliscam o relógio no meu pulso e o *ai* que deu em resposta ao beliscão desvia meus olhos de Caroline e me fazem encará-lo. Percebo que Nick parece perdido, ansioso para que eu fique com ele, seus olhos gentis e coléricos ao mesmo tempo, e isso me faz lembrar a letra de uma música que ele compôs para Tris e ela mostrou para a turma na aula de latim porque achou que era idiota demais.

*Seu jeito de cantar na hora de dormir  
Seu olhar antes de pular  
As estranhas ilusões que você teima em guardar  
Você não sabe  
Mas eu percebo*

A Tris que se foda. Eu daria partes do meu corpo para ter um cara escrevendo algo assim para mim. Quer meu rim? Ah,



quer os dois? Toma aqui, Nick, é tudo seu — só componha mais músicas para mim. Vou te dar um enredo: em um clube punk, um cara pede a uma menina estranha para ser namorada dele por cinco minutos, a menina o beija, ele retribui, o cara depois encontra a garota — o que foi que você viu *nessa* garota? Nick, me deixa apresentar algumas letras para você. Por favor? Preparar. Apontar. Fogo.

Quero pular de frustração — por ele e por mim. Porque eu sei que o que quer que Tris tenha feito ou dito a Nick, foi o que deu a ele esse olhar de desespero patético de cachorrinho abandonado. Ela é o motivo de ele provavelmente vir a se tornar um velho amargurado antes de ter idade para beber, sem confiar nas mulheres e compondo músicas rudes sobre elas, e basicamente pensando até a eternidade que todas as mulheres são putas mentirosas e traidoras, porque uma delas dilacerou seu coração. Ele é o tipo de cara que faz com que meninas como eu se tornem frígidas. Sou a garota que sabe que ele tem poesia, porque, como eu já disse, há coisas que eu simplesmente sei. Sou eu que posso inspirá-lo a escrever músicas com títulos antiquados como “Devoção” ou “Amor de Verdade (Mas Complicado)”, se ele olhar duas vezes para uma garota como eu. Eu sou a namorada de menos-de-cinco-minutos que por um beijo breve demais fantasiou em dar o fora desse lugar com ele, sair dessa história de punk com ele e ir para um club de jazz de merda no Village ou coisa assim. Talvez eu lhe pagasse um *borscht* na Veselka às cinco da manhã, ou talvez eu andasse com ele pelo Battery Park ao nascer do sol, segurando sua mão, sabendo que eu me tornaria aquela que acreditaria nele. Eu falaria com ele que ouvi



sua música, li sua poesia, não aquela porcaria que sua banda acaba de apresentar, mas aquelas letras de amor e as músicas que você compôs para Tris. Eu sei do que você é capaz, e certamente é mais do que ser baixista de uma banda gay mediana — você é melhor do que isso; e, cara, arrume um baterista, é fundamental, vocês precisam de um. Eu seria a roadie deles toda noite, sem reclamar. Mas não, ele é do tipo com um complexo pelo tipo da Tris: peitos enormes, risada idiota, a festa. Literalmente.

Você queria que fosse algo fácil — bom, você conseguiu, meu camaradinho.

Arranco o pulso da mão dele. Mas, por algum motivo, em vez de me afastar, eu paro por um momento e coloco a mão novamente em seu rosto, acariciando sua bochecha, traçando círculos leves em seu queixo com o indicador.

E digo a ele:

— Pobre coitado.